

da terceira circunvolução frontal esquerda

A GRAPHIA : a *aphasia da mão*, como lhe chama Charcot, é a perda mais ou menos completa da memória dos movimentos necessários para a escrita. O doente pode executar com a mão, com os dedos, os movimentos os mais delicados, mas o que não pode é escrever. A symptomatologia destá forma d'aphasia deduz-se da propria definição. A sua localização anatómica ainda não foi nitidamente delimitada; parece, no entanto, corresponder à parte posterior da seção da circunvolução frontal esquerda.  
E são estas as principais alterações da línguagem, consecutivas a uma lesão cerebral d'ordem orgânica ou funcional, por si só. Que a propria histeria é susceptível

re a essa verdade segundo a maior ou menor intensidade dos factos de consciencia.

O professor moderno encontra hoje no meio das diversas escolas dois grandes processos de philosophia: a philosophia classica, tradicional, independente da sua propria historia darphilosophia, e a philosophia experimental, scientifica, que vive em harmonica aliança com a physica e com a physiologia. O ideal da philosophia contemporanea deve ser conciliar estes dois sistemas. Cada um tem a sua esphera d'acção, mas um não absorve o outro; compete á critica discriminar os campos e abrir o novo caminho. A necessidade de voltar a Kant nasceu d'este estado de coisas. Assim o reconheceu a nova escola alema, representada por Otto Liebmam, Bonna Meyer, Cohen e outros pensadores, e presentada em França por Renouvier, Liard, Ravaission, Lachellen, Lionel Doucet, F. Pillon, Elie Rabier, Ch. Secretan, C. E. Adam, etc., que procuram o ponto devista kantiano, como um verdadeiro remedio a estes males. Olimpus o ap-

Todos os sistemas philosophicos teem a sua razão de ser quando põem em relevo a série de factos científicos que investigam. A philosophia positiva, por exemplo, tem concorrido poderosamente para os progressos da ciencia experimental do homem, sobretudo na parte que se limita a verificar as relações dos fenômenos psychologicos e a determinar-lhes as suas condições. A reacção operada pelo positivismo, com o seu metodo, contra os exageros da escola *a priori*, foi fecunda e salutár. A ciencia positiva não nega de nenhuma maneira a existencia possível de forças ainda desconhecidas no universo, mas entende que não pode especular senão sobre aquellas que tem sido devidamente verificadas. Ela impõe que o campo do desconhecido é imenso e que o espírito humano deve aspirar a novas conquistas, mas por um trabalho sério e methodico, que afastse cuidadosamente todas as causas do erro devidas a interesses extra-científicos.

Em leitura natureza e da historia que a acção, e sempre seguida da reacção que o mundo, a sociedade, uma filosofia

do pensamento se elevam n'um instante como uma vaga alterosa sobre o oceano, para depois cairem sobre a espuma de novas ondas. E' no embate eterno d'estas vagas que o pensamento descobre adeido progresso. E' em nome d'essa lei que o homem pôde conquistar o reino da razão e da scienzia. N'uma dada epoca dominava um modo de pensar, uma philosophia e a pouco trecho desaparece para dar lugar a uma outra. Ha no oceano social umas correntes submarinas que, quando aparecem, arrastam os espiritos em direcção contraria áquelle que seguiam anteriormente. Ha problemas a resolver perante os quaes se manifesta a indecisão da consciencia, por não poder evidentemente diferenciar o verdadeiro do falso. A duvida é então consequencia inevitável, mas deve ser provisoria, porque o seu fim é suspender o juizo até chegar á posse da certeza. A duvida provém ou da falta absoluta de razões para julgar ou do contraste de razões equivalentes. A duvida erigida em sistema o scepticismo, não é uma philosophia, mas sim uma arma de guerra dirigida contra

toda a philosophia. Este sistema nunca teve senão uma existência theonica; os proprios que o apostolavam contradiziam-se a cada passo na practica. O *illud tantum sciome nihil scire* é uma concepção que nunca exerceu a menor influencia organizadora; a historia da philosophia conta d'ella como uma pura symptoma de decadencia ou de depravação intelectual. A famosa duvida fundamental de Pyrrho não impedi o espírito de caminhar e a scienzia d'engrandecer-se, não conseguiu nunca abalar a dupla certeza da existencia individual e do mundo onde ella está fechada. Em todos os tempos houve espíritos frivulos, que apresentando-se sob diversos aspectos, accreditavam, concordes, a verdade como uma chimera e o ideal como uma mentira. Mesquinhia philosophia e mesquinhas sociedades que não tem no horizonte das suas existencias uma estrella, que não tem n'um ideal misenável estheticamente precipita as bellas artes no mate realismus vulgar. Servi, é no realismo insipido, brutal. A missão da philosophia é introduzir a unidade nas sciencias; a

harmonia nas convicções e esboçar o ideal de vida que corresponda às aspirações dos povos modernos. A philosophia é de todas as sciencias a mais geral, e é subordinante a todos os principios das sciencias abstratas, tanto na taxonomia de Comte como na de Spencer. As sciencias abstratas ocupam-se das leis que governam os factos elementares da natureza, das quais todos os phenomenos dependem. As sciencias concretas estudam as combinações particulares dos phenomenos ou dos factos. O objecto da sciencia é sempre factos; ora factos são as coisas que existem e as coisas que acontecem; as sciencias que se ocupam das primeiras, chamam-se concretas, as que se ocupam das segundas, abstratas. Como dissemos acima, Comte e Spencer partem de principios diversos para a classificação das sciencias em abstratas e concretas. Comte classifica segundo o seu objecto e as suas relações mutuas; e Spencer, segundo o maneira de conhecermos; isto é, conforme as verdades são puramente ideias, como as verdades da geometria,

ou são exactamente cousas reaes, como o objecto da zoologia ou da botanica. A ligação é intima entre estas duas formas da sciencia. Os factos, chamados, movimento, força, matéria, não podem ser comprehendidos senão pela experiença concreta das cousas, que estes nomes designam. A sciencia não é de modo nenhum reductivel a um puro *phenomenismo* ou *empirismo*, a lei da causalidade negar que os acontecimentos derivem uns dos outros, sem nenhuma razão, assim como nega a possibilidade dum começo absoluto e espontâneo. Nenhuma mudança pode produzir-se no vacuo ou no repouso absoluto; deve haver necessariamente sempre alguma causa antes do phenomeno. Além dos phenomenos há o que a experiença não pode dar. E por isso que a philosophia positiva não encerra toda a philosophia, assim como a chimicaria biologica não encerra toda a biologia.

A philosophia é um ramo à parte da literatura científica, fundado em necessidades inventíveis do nosso espírito, na qual não surge nem se revela senão em

certos momentos da evolução social. É formada de pensamentos e de ideias, não de puros sentimentos; a sua cultura é sólamente para os espíritos de escol, em quanto que a poesia e toda a literatura emocional acha-se intimamente ligada com a alma popular. O espírito filosófico imprime a cada época a sua cara característica, mas a corrente subjacente é a mesma, contínua e vibrante, ministrando á humanidade novos incentivos e guiando-a esperançadamente no oceano da vida como uma espécie de agulha luminosa do fogo de Sant'Elmo. Foi pela philosophia que o mundo hellénico penetrou no vestíbulo da sciencia, afim de ensinar a humanidade a dar a explicação reflectida das cousas. Foi com esta espécie de *Anázya* que a intelligencia vienceu os estorvos da ignorância e chegou a porto seguro. E preciso ser cuidadosos nos processos de investigação afim de não permitir nunca, que o espirito deixe de analysar os effeitos para chegar a um resultado. Estão fora da sciencia aquelas que não querem escutar o frigor das polémicas criticas e que pretendem encr

gir em dogmatismo, a rotina de uns e a pretenciosa originalidade de outros. Se alguma cousa haja na esphera do saber humano, que escape ao methodo das definições e as regras empíricas, é a interpretação segura dos phenomenos de consciência? A inteligencia em tão dificiloso assumpto precisa medir as suas forças e convencese, que o homem não é nem pode ser, o senhor nem o escravo da natureza, é o seu interprete e a sua expressão mais viva e brillante. Sendo tão elevada no mundo a missão do homem, nunca deve degradá-la, mentindo á sua consciencia; quem falta ao sentimento da inscinciedade, comete duas degradações; deixa de se respeitar, porque afirma o falso, deixa de respeitar os outros, porque os lança em erro. N.º 107. O nosso intuito n'este capítulo é, conscientemente, esboçar em traços breves o carácter dominante nas contemporâneas escolas philosophicas do Associationismo, do Evolutionismo e do Neokantismo. Comecemos pelo Associationismo. O associationismo considera todos os actos psychicos e todas as faculdades, como

produto de associação das idéas e como encadeamento de Phenomenos. Este sistema philosophico não é novo, já Aristóteles correu para a sua elaboração com numerosos elementos, mas o seu lugar dominante só o conquistou depois dos notáveis trabalhos da psychologia Inglesa. Em Hobbes, em Locke e em Berkeley encontram-se três fases do associacionismo, reflectindo de harmonia com as escolas professadas pelos autores, trios cambiantes da philosophia. O materialismo ou sensualismo e o idealismo. No entanto, a associação das idéas só tem um verdadeiro ascendente na philosophia Inglesa, depois das celebres teorias de David Hume, que tentou explicar a origem dos principios, chamados racionais, pelo hábito e pela associação. Para elle e para os seus continuadores, a necessidade lógica do princípio de causalidade resolve-se pela analyse, n'uma associação, formada pela experiência, transformada pelo hábito e transmitida pelo sistema nervoso, como uma disposição de espírito. Com os Phenomenos da impressão, da idéa, e com as leis da similaridade

contiguidade, explica Hume o desenvolvimento da vida psychologica. Segundo o professor italiano Ferri, o ponto de vista de Hume é um idealismo que phenomenismo universal, sem conhecimento possível de nenhuma experiência (em si), sistema ondulante entre o subjetivo e o objectivo, como a natureza do phemoneno sensível que lhe serve de base. Se fosse da índole d'este escrito, explorarmos as fases evolucionárias da história da associação das idéas em Hartley, Zanotti, G. Priestley, Erasmo Darwin, Brown e James Mill; assim passaremos por altro ate à psychologia contemporânea, que é para nos a mais interessante. Stuart Mill é n'esta corrente de idéias, o pensador inglez mais respeitado. Diz elle: «o que a lei da gravitação é para a astronomia, o que as propriedades elementares dos tecidos são para a physiologia, as leis da associação das idéias são-no para a psychologia.» Considera a própria noção do eu com a memória e com a associação e explica o princípio da sua identidade pela crença na continuidade ininterrupta da série de

sensoções. A propria personalidade, em face d'esta teoria, converte-se num successão ou agregado de phenomenos; as leis lógicas sao tambem coordenadas sob os principios da associação; os axiomas são verdades; experimentaes gerais realizadas; tudo enfim se explica pelas experiências, pelo associacão e pelo hábito. Alexandre Bain<sup>15</sup> que é sobre tudo um sensibilista, aceita a associação como lei geral do espírito. Considera o como arrabutros primitivos da inteligencia, a consciencia da diferença, a consciencia das semelhanças e a retentividade. Com os factos fundamentaes de distinção, similitudem e retencão constitue os elementos do conhecimento. Pelo associacionismo explicita elle quasi todos os phenomenos da inteligencia, reduzindo as associações a três categorias simples, compostas e construtivas. Spencer é tambem associacionista, mas d'um carácter muito diferente. E' meios logico do que Stuart Mill, nienos psychologo, do que Bain, mas dotado de talento de generalisação metaphysica superior à qualquer dos dois.<sup>16</sup>

diz Ferri, é despresar o estudo da actividade interior e não analysar, sob formas diversas, e no seu desenvolvimento, essa energia, que fazendo de si proprio o objecto, determina os seus modos de gundo leis que elle xão proprias, expõe os seus fins, dirige emigrar o seu trabalho, lho emancipa-se em fun da influencia directa das sensações e das impressões affectivas, para encontrar a verdade pelo intendimento, para o fazer por si proprio, pelas ideias, e pelo testemunho da experientia, o mundo dos phenomenos. E cum éno supõr, que a doutrina da associação das ideas resume e explica todo a actividade intellecual, quando essa doutrina é somente uma das principaes operações do intendimento, que está previamente subordinada á actividade da alma e em especial ao principio que antecede e subordina á experiência. O empirismo moderno, iudicioso, aceitando as relações previas, que a experiencia supõe, rejeita a teoria do a priori e pretende explicar as idéas universais, reduzindo todos os phenomenos psychicos ao factual e elementar da sensação e da lei.

associativa. Stuart Mill reduz na sua origem todas as ideias, ainda as mais abstractas e geraes, incluindo as proprias verdades geometricas, a associações empiricas, não obstante o cunho dedutivo que as caracterisa. Para elle todas as proposições, scientificas, são fundamentalmente, generalisações baseadas na observação e na experiência. Mas qual a base da experiência, qual a segurança da indução? A concordancia dos factos conhecidos, ou experiençia acumulada, não bastam para a inferencia scientifica. En face das leis formais do pensamento, ha uma necessidade invencivel em admitir, que todo o raciocinio induutivo é subordinado por um principio geral que antecede toda a experiençia. As enigmáticas analyses da escola associationista pretendem demonstrar que as noções de quantidade, tempo e espaço são deduzidas da experiençia, não passam de enganosas seduções da imaginação, arrancadas sobre uma periccia de principio, como na sua profunda critica marginalmente o tem provado os notáveis caudilhos do Neo-kantismo, Renouvier,

Liard e Lacheller. O associationismo, doutrina de carácter pouco transcendente, como convém à physionomia do espírito inglês, tem sofrido da parte do Neo-kantismo o embate d'uma poderosa critica, se crítica, profundamente abstrata e filosoficamente dialectica, á qual os innumerous e talentosos sectarios do Associationismo não respondem devidamente. Sobre o eminentissimo professor E. Ferri, no seu laurado e tão notável trabalho sobre a Associação, faz d'esta escola filosófica, um elevado e completo estudo sob o ponto de vista logico e historico. Eis uma amostra:

As considerações precedentes sobre a associação na reprodução do conhecimento tinham por fim redimir ao seu justo valor os esforços tentados pelos associationistas para simplificar a teoria do conhecimento pelas leis primitivas da associação. Nas considerações que seguem, proponemos submeter a um exame de conjunto o seu sistema de simplificação das faculdades da alma. Por outras palavras, trataremos em resumo da questão do desenvolvimento do nosso ser. Este problema

liga-se intimamente à da unidade das forças em physica e do transformismo em zoologia; isto é, ligase à hypothese da evolução sob diferentes formas. Os physicos dizem que o movimento é a causa, que os corpos se formam uma vez por actos de reservatórios e depósitos de movimento. Outro tanto pode dizer o metapsíquico do acto, a propósito da aliança da sua vida. O acto também se nepete e se acumula nos seres vivos, porém com esta grande diferença: ao repetir-se, aumenta simplesmente a disposição primária que a força tem para obter; a qual lhe serve de princípio, ou seja, disposições novas, conforme as circunstâncias conservam ou mudam a direcção. Estas disposições, fixadas pela repetição e cada vez mais intensificadas pelo acto, são a essência dos hábitos, e, graças à concomitância dos actos, são algumas vezes tais que nascentes, misturando as suas águas, com as correntes communs. Segundo se dão hábitos complexos, formados de hábitos elementares por uma associação, cujas extensões circunstanciais são a occasião, ou quando-

tem uma das causas suficientes, mas cuja existência principalmente depende da energia da vida e faz suppor um progresso superioriza das matérias inorgânicas. A antiga psychologia, é necessário concordar, não sei deu às necessárias investigações para descobrir até que ponto o princípio das leis do hábito podia contribuir para o desenvolvimento psíquico e a constituição das nossas aptidões intelectuais. Esta forma da função do nosso ser foi, é verdade, coordenada com os fenômenos do reino animal e do reino vegetal por muitos escritores; viraram na sua presença e nos seus efeitos um teatro característico da vida, e excluíram do reino inorgânico; mas, especialmente em psychologia, não se serviram delas tanto quanto seria preciso para explicar as metamorphoses intelectuais das nossas operações. Occuparam-se geralmente mais d'ela sob o ponto de vista amoral e pedagógico, que sob o aspecto psicobiológico e metaphysico.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Devemos excetuar os dois notáveis escritos *Thèse sur l'habitude*, de M. Félix Ravassan, e *L'Habitude et l'habileté*, de M. Albert Lemône.

Os associacionistas ligaram-lhe a mais importância e fizeram d'ela mais largo uso. A seu ver, os grupos dos sentimentos ou sensações, designados pelo nome genérico de estados da consciencia, representando-se e rosservando, na sua repetição, as mesmas relações que primeiramente regularam, bastam para explicar a constituição dos nossos poderes espirituais. Na sua opinião, não ha no ser que sente, que pensa e tem vontade, nada mais além dos modos sensitivos, intellectuais e volitivos, cujas diversas qualidades dependem d'uma composição e d'uma complexidade de relações, que variando d'umas para as outras, e cujos impulsos exteriores são uma condição necessaria. A sensibilidade, a intelligencia, a vontade, não existem no estado de tendencias ou energias germinais, cujas forças physicas provocam o desenvolvimento; segundo elles, não passam de boas expressões para designar as classes de factos e de processos que existem sob estes nomes abstratos. Herbart já antes d'elles se havia lançado em caminho similar. Tinha igualmente a hypothese das faculdades

como inutil, e considerava-as representações como forças, cujo manejo a estatistica e a mechanica devem "bastante" mente explicar, ao passo que os processos rationaes presidem á elaboração dos materiais que elles nos facultam. Segundo Haç, porém, "na grande distancia entre elle e os philosóphos da associação" o seu sistema encontra-se na realidade de suas origens distintas da empregação principal, que permitem comprehendêr a diversidade dos seus produtos, quer dizer, a alma é em si mesma leis formaes dum ser simples, qual é o seu, e a força das suas representações. Pelo contrario, para os cassacionistas, mais adequados, e principalmente para os que se ligaram com os evolucionistas, não ha senão um gênero elementar dos estados da consciencia e um só modo de entender a gênese dos que se lhe juntam, queremos dizer, as sensações e as suas composições. Proseguindo sempre para o mesmo ponto, são menos subtils e menos engenhosos que o autor do *systema da sensação transformada*, mas nem por isso são menos firmes. Porém alcançam elles o seu

alyo, e será mister admitir que se pode dispensar por completo a teoria das faculdades da alma; que tudo se deve limitar na psychologia á determinação dos factos internos e de suas relações, constantes ou de suas leis! Confessemos, em primeiro logan que a distinção das faculdades da alma é devida a um processo de classificação, cujo legitimo uso não poderia ser contestado, e o qual é comum á psychologia e á historia natural. O trabalho taxonomico, logo que se limite a evidenciar as semelhanças e as diferenças dos factos, e a distribuir os por divisões hierarchicas, é não só útil mas necessário. O abuso começa com o olvido dos caracteres dominantes e dos traços essenciais, com as ilusões que provêm das divisões excessivas. Por isso não temos tencão alguma de defender as classificações por demais complicadas, que um minucioso metodo introduziria a psychologia dos escoceses, nem as doutrinas superficiais que olham as faculdades como reuniamentos em que vêem, por assim dizer, collocar-se os factos psychologicos, ou como causas efficientes, sepa-

radas e não obstante coexistentes na unidade da alma, e capazes de exercerem influencias uma sobre a outra, a妨へira dos agentes naturaes e exteriores! Não comind perguntarmos, à nos mesmos, se a ideia da *Faculdade* é chimerica, se deve ser supprimida, ou se bastaria depurá-la das illusões de que se cerca na intelligença vulgar; ou se uma *philosophia superior*, para demonstrar a sua necessidade e harmonia com as exigencias do espírito científico, já fallamos bastante das suas vantagens e da sua alma como dum déficio Capital das doutrinas associadas. Nada omis diremos sobre tal Restabeleçemos também, e particularmente, a obediência da doutrina de Stuart Mill, o valor da ideal de substância, cujo critério precisamos. Damos pois aquipôf assente que na alma há alguma coisa de substancial, isto é, da unidade, da permanência e da virtualidade na sua energia, e que esta parte do seu ser é o princípio das suas ações transitórias. Seindo assim, sustentamós que a alma, com toda a propriedade, pode ser chamada alma forte, e que não sendo continuas

mas intermitentes as manifestações das suas qualidades, pode muito bem ser permitido dizer-se que nela tem o poder de as produzir o que tem essa *faculdade*. A questão reduz-se a apenas a examinar se é possível incluir todos os factos inteiros numa só classe, ou se, não sendo possível esta simplificação, seremos obrigados a admittir outras e quais. No primeiro caso só teremos na alma um poder único; no segundo teremos sempre uma só força, mas que será ao mesmo tempo dividida de poderes múltiplos e originais. Na solução d'este problema não é, com certeza, o método das divisões e classificações o único que haja de se empregar. Este método, assente sobre os caracteres dominantes, tem sido talvez, pernas mais das vezes, todo fallacy, pois que pretende responder a uma questão de origem por meio de processos que nem historicamente, nem analyticamente, remontam aos factos primários e elementares. Um profundo estudo do processo inductivo demonstrou que causas idênticas, postas em circunstâncias diferentes, podem produzir efeitos diversos, e que causas di-

versas podem chegar a resultados identicos. E' nos facil convir a isto: para resolver a questão das faculdades da alma, é necessário juntar, ao processo de classificação o estudo das *phases* e das transformações inteiros.

Ao fazermos a analyse da escolar filosófica do *associonismo* não romamos, é claro, a associação das ideias, nem com o hum simples lei geral do espirito, nem também como uma forma do exercício da memória. Neste campo a associação das ideias, ou melhor, a sugestão das ideias pelas ideias, não sómente é uma lei de associação, é um verdadeiro conjunto de estados da consciencia. Ha quem supponha ainda que estanlei ex-prime relações entre as causas; isto é verdadeiras relações, objectivas, e este modo de ver era exacto, se se tratasse de sensações, isto é, de estados primitivos de consciencia, mas a associação trata de estados reviventes, a nossa alma, até

Eduardo Gómez de Oliveira  
Editor do Círculo dos Voluntários  
de São Paulo

"A Psicologia de l'association por Luiz Fer.  
n, pag. 264 a 268

cerio ponto, está liberta das influências externas; essas relações são estranhas n'este momento à sucessão dos nossos pensamentos. Ainda que exista algum influxo de realidade exterior, é assim indireto e longínquo. (20) Aliás, o Dr. O. M. Associationism, apesar da sua afinidade com o positivismo, destaca-se desse em fazer do estudo dos fenômenos psychicos uma sciencia à parte; em pretender provar que no conhecimento não existem elementos *a priori*; em quanto que à escola positiva nega systematicamente a possibilidade de especular sobre esses elementos, allegando dogmaticamente que os considera inacessíveis à intelligencia. O associationismo menos dogmático e mais critico, do que o positivismo faz a analyse dos materiais do conhecimento e conclue, que tudo é reducível à experiência e a associações mentais, incluindo mesmo, os principios universaes e necessarios. Esta resolução do problema, baseada em elementos puramente sensíveis e phenomenaes, não satisfaz o espírito, nem respeita sempre a logica, facto que sucede com a doutrina

que esboçaremos nas considerações a respeito do neo-kantismo.

*Evolução* é o processo philosophico que tem por objecto achar a unidade em a natureza, vendo em tudo uma mudança do homogeneo para o heterogeneo, ou do indefinido para o definido, e achando sempre uma integração de matéria e uma dissipação do movimento, phenomenos que envolvem uma separação progressiva. Spencer o mais preclaro dos defensores exforça-se em provar a veracidade da sua teoria com abundantissimos exemplos, colhidos na astronomia, na geologia, na chimica, na biologia, na psychologia, na sociologia, na linguistica e na sciencia das religões. A ausencia de ideias positivas a respeito dos elementos constitutivos do mundo e da sua formação tem originado sempre varias hypotheses.

A idéa da *creação* que não era mais do que uma simples afirmativa da subordinacão das forças do Universo, a uma força inicial, venceu respeitada por todos os philosophos durante muitos séculos;

para deixar o logar à teoria da evolução. Esta teoria nasceu em o nosso seculo, rigorosamente com as sciencias biológicas, e só depois passou a explicar outros phenomenos. A lei da evolução, aplicada aos factos do transformismo-biologico, é a teoria dominante entre os naturalistas modernos. A hypothese da criação ou da permanencia das especies, defendida com brillantes argumentos pelos notaveis naturalistas Lineu, Cuvier e Agassiz, tem sido hoje geralmente abandonada. O transformismo vae ganhando terreno por toda a parte, posto que não responda ainda a todas as profundas objecções formuladas pela escola dos naturalistas classicos. O principio sobre que assenta a teoria evolucionaria é que todas as formas da matéria são productos do movimento, e que todo o ser é uma resultante de incessantes variações. Defendem esta luminosa teoria as obras de Lamarck, Darwin, Wallace, e contemporaneamente a escola de Haeckel, Edmond Perrier e Lanessan. O motor capital das variações é o meio cosmico e o

meio gerador ou influencias da hereditariade. Haeckel pretende demonstrar a verdade do transformismo das especies allegando, que o organismo individual no seu desenvolvimento, repete as phases da especie, o que equivale na sua terminologia a dizer que — a ontogenia é a recapitulação sumaria da filogenia.

Os physicos temem pretendido explicar tambem pela teoria da evolução os phenomenos da matéria, posto que não conheciam os seus elementos, a sua constituição, nem a sua natureza intima. Tait no seu interessante trabalho sobre *Progrès Récents de la Physique* reduz as theorias sobre a constituição da matéria a tress.

A de Newton que foi geralmente aceita: n'uma época da historia da scien-  
cia e que consistia em admittir a existen-  
cia de pequenissimas partículas materiais  
solidas; A de Faraday ou dos centros  
*attractivos* os quais não sendo materiais  
desempenhavam o mesmo papel. Estas  
teorias foram ambas ate certo ponto  
abandonadas para serem substituidas mo-  
dernamente pela concepção de Thomson

ou hypothese dos *turbilhões*, a qual teve origem na analyse mathemática, feita por Helmholtz, do movimento turbilhonar, n'um líquido incompressível. A hypothese da W. Thomson mostra que o turbilhão conserva o seu movimento sem o transformar, apresentando deste modo analogia com a velha hypothese dos atomos. A hypothese dos turbilhões é já ampliada para explicar o nascimento e a morte do sistema solar e de outros que porventura se encontrem nos sistemas da infinitade do universo, visto ella provar pelo princípio da conservação, que a quantidade de matéria e a quantidade de força subsistem sempre as mesmas, apesar das transformações constantes. Esta teoria vem a auxiliar uma hypothese sobre a formação do sistema solar denominada *aglomeracão metórica*, devida ao físico Mayer, com à qual pretendem os seus proselytos desbancar a hypothese da *nebulosa* aventada por Kant e Laplace. As leis que presidem á hypothese da *aglomeracão metórica* são constantemente a *attracção universal da matéria e a dissipação universal da energia*, as quaes gé-

ram a morte do mundo quando a aglomeração for maxima e a dissipação da energia fôr infinita, tornando depois n'esse mundo morto, a vida a operar gradualmente, segundo a doutrina da evolução, as suas ilimitadas transformações.

“Estas operações, segundo Herbert Spencer, que se mostram em toda a parte em antagonismo, que em todo lugar obteem uma sobre outra, aqui um triunfo temporário, acolá um triunfo mais ou menos permanente lhes damos o nome de evolução e dissolução. A evolução de baixo da sua forma mais simples e geral, é a integração da matéria e a dissipação concomitante do movimento; ao passo que a dissolução, é a absorção do movimento e a desintegração concomitante da matéria.”

Estas denominações não preenchem todas as condições desejaveis, ou antes podemos dizer que, se a ultima corresponde menos mal ao seu designio, a primeira está sujeita a graves objecções. A palavra evolução tem outros significados, algumas das quaes são incompatíveis e esto, até em oposição, directa com o sentido

tido que aqui lhe damos No sentido ordinario, evolucionar-se, libertar-se, desenvolver-se, é desdobrar-se, abrir-se, dilatar-se, espalhar-se exteriormente; emitir-se. Mas no sentido que lhe damos, o acto de evolucionar, ainda que implicando o augmento d'um agregado completo, e por consequinte ampliação d'este agregado, quer dizer que as matérias que o compõem passaram d'um estado mais diffuso a um estado mais concentrado, isto é, que se contraiu. A palavra antithetica involução exprimiria mais fielmente a natureza da operação e traduziria melhor os caracteres secundarios de que nos vamos ocupar. Comtudo, ainda que estejamos expostos à confusão que resulta necessariamente das diferentes e até contraditorias accepções da palavra evolução, somos obrigados a usar d'ella para oppô-la à palavra dissolução. Adoptamol-a geralmente hoje em dia para representar, não direi a operação geral que assim designo, mas algumas das suas principaes variedades, e certas circumstâncias secundarias, ainda que das mais notaveis, que a acompanham;

não posso, pois, adoptar outra palavra.  
Restringo-me a dar uqā definitão rigorosa do sentido que lhe atribuo.  
Portanto, entendemos por dissolução a operação designada por essa palavra, no seu sentido vulgar, a absorção do movimento e a desagregação da matéria; e chamaremos evolução a operação inversa, que é sempre uma integração de matéria e uma dissipação de movimento, na, que, como vamos observar, é na maioria dos casos, mais ainda.  
É, inegável que esta hypothese é uma concepção fecunda no estudo dos fenômenos naturaes; mas d'esta forga que evoluciona qual é o seu começo? Esta potencia encerra todas as formas do ser, d'onde vem a sua energia e o seu princípio direcriz? Esta hypothese, que se applica ao estado actual do mundo, aplica-se igualmente á sua origem, e é forçoso confessar que a solução não adeanhou um passo. Unicamente, em vez de

<sup>1</sup> H. Spencer, *Les Premiers Principes*, pag. 257. Traduits par Cazelles.

perguntar se Deus é o auctor do mundo, é mister perguntar qual é o motor da força, que encerra em si o poder de produzir. Na explicação da idéa do universo constituído, a causa inicial e final não deve confundir-se com elle, mas confundindo-a, como fazem alguns evolucionistas, temos nada mais e nada menos do que a hypothesis do velho pantheismo. Spencer faz d'esta lei não sómente uma hypothesis da explicação do mundo cosmológico, mas uma doutrina universal com que pretende inclusivamente explicar os próprios phenomenos da consciencia. «Não podria demonstrar que a lei se verifica igualmente nos phenomenos do espírito sem emprehender uma analyse, demais extensa para agora. Para mostrarmos como os estados de consciencia principiavamente homogeneos se tornam heterogeneos por causa das diferentes mudanças effectuadas por forças diversas, teríamos que seguir com rigoroso cuidado a organização das primeiras experiencias. Acabada esta tarefa, seria evidente que o que constitue o desenvolvimento da intelligencia, debaixo d'um dos

seus principais aspectos, é uma repartição em classes distintas das coisas dis-similhantes, que anteriormente estavam confundidas numa só classe; quer dizer, uma formação de sub-classes e de sub-sub-classes, até que o agregado d'antes confuso dos objectos conhecidos se resolva num agregado que una uma heterogeneidade extrema dos grupos numerosos, que o compõem, a uma homogeneidade completa dos membros de cada grupo. Se, por exemplo, seguissemos, subindo a escala das criaturas, a genesis d'esse vasto edifício de conhecimentos adquiridos pela vista, conviriamos que, no primeiro periodo em que os olhos só servem para distinguir a luz das trevas, a unica classificação possivel dos objectos vistos deve ser baseada na maneira como a luz é interceptada, e no grau da intcepção. Notariámos que, nestes órgãos visuais rudimentares, as imagens que atravessam a retina rudimentar, devem dividir-se só em duas classes, uma d'objectos estacionarios, ante os quais o animal passa agarrando-se, e a outra, d'objectos móveis, que se aproximam do ani-

mal em quanto descnça; e, pois, a classificação extremamente geral das coisas visíveis em coisas estacionárias e em coisas moveis, a primeira que se teria formado. Notariamos que os olhos mais fracos não estão aptos para distinguir uma intercepção de luz causada por um pequeno objecto muito proximo da vista, nem a intercepção causada por um grande objecto a alguma distancia, rão passo que olhos mais desenvolvidos possuem esta aptidão, resultando uma diferenciação vaga da classe dos objectos em movimento em objectos mais proximos e em objectos mais distantes. Veriamos que os aperfeiçoamentos novos da visão, que tornam possível uma avaliação mais exacta das distâncias pela adaptação dos eixos ópticos, e os que, por causa do engrandecimento e da subdivisão da retina, tornam possível a distinção das formas, devem ter por fim dar uma maior precisão ás classes já formadas, e subdivididas em classes mais pequenas, compostas d'objectos menos desiguais. Em summa, veríamos que todos os melhoramentos dos órgãos de

percepção devem também conduzir a uma multiplicação das divisões e a um augmento na precisão dos limites de cada divisão. Nas creanças pode observar-se que um aggregatedo confuso d'impresso dos objectos ambientes, cujas distâncias, volumes, e formas só lhes aparecem como dissimilhantes, se transforma gradualmente em classes d'objectos diferentes entre si por tales e tales atributos. Numa como n'outro caso, poderia demonstrar-se que esta consciencia primitiva, indefinida, incoerente, e comparativamente homogénea, transformou-se numa consciencia definida, coerente, homogénea, sob a influencia de diferentes accões das forças intérieures ao organismo. Bastam estas indicações sumárias, que poderiam demonstrar-se no espaço de que dispomos no-lo consentisse. Estes dados ajudarão sem dúvida o leitor a convencer-se de que o curso da evolução mental não forma excepção á lei geral da instabilidade do homogeneo. Para maior facilidade acrescentarei um exemplo que pode perceber-se separadamente, fora do processus da

evolução mental considerada como um todo.<sup>1</sup> H. Spencer quis harmonizar a doutrina empirista de Locke com a análise transcendental de Kant, reconhecendo com um, que o pensamento é innato no indivíduo e como o outro, que a experiência é a base de todo o conhecimento, não a experiência individual, mas a experiência ancestral, acumulada da espécie humana, precedida dos seres inferiores de que ella desconde segundo a hypothese do transformismo. Esta explicação é tão invérificável e tão metaphysica como a hypothese das reminiscências d'uma vida anterior pelas quais Platão explicava os primeiros princípios. Charles Renouvier sem duvida o maior filósofo critico dos tempos modernos julga com implacável severidade os *Princípios* de H. Spencer; — «tornada no conjunto, diz o grande critico, esta obra é antes um *De natura rerum* tal como o poderia construir syntheticamente um filósofo ante-socrático, um

Hérachio ou um Empedocles que tivesse tido a revelação antecipada de tres ou quatro leis physicas de ordem positiva.»<sup>1</sup> «Estes principios (os da evolução), escreve Spencer, sendo verdadeiros para todos os seres, temos reconhecido que tinham o carácter requerido para constituir o que chamamos philosophia; porém, considerando-os, temos visto que não formam uma philosophia, e que uma philosophia não pode ser constituída por um numero qualquer de principios conhecidos isoladamente. Cada um d'estes principios expressa a lei geral d'un factor que, segundo a nossa experiência habitual, produz os phänomenos, ou, quando muito, expressa a lei de cooperação de dois d'estes factores. Porem, saber os elementos d'uma operação, é saber como esses elementos se combinam para effectuá-la. A unica coisa que possa unificar o conhecimento, deve ser a lei de cooperação de todos esses fa-

<sup>1</sup> H. Spencer op. cit. pag. 377.

<sup>1</sup> La Critique philosophique 1.º anno pag. 241  
Renouvier.